

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Alguém precisa barrar a escalada da guerra

Jean Jaurés (1859-1914) era um liberal radical que se tornou socialista, integrando a ala direita do Partido Socialista Francês. Em 1897, com Émile Zola e Georges Clemenceau, liderou a campanha em favor de Alfred Dreyfus, o capitão francês injustamente acusado de espionagem pelo alto comando do Exército francês por ser judeu. Sempre defendeu a aproximação entre a França e a Alemanha para garantir a paz na Europa. Era um pacifista, precursor de Mahatma Gandhi (“Posso até estar disposto a morrer por uma causa, mas nunca a matar por ela!”) e Martin Luther King (“Sempre e cada vez mais devemos nos erguer às alturas majestosas de enfrentar a força física com a força da alma”).

Jaurés foi assassinado no dia da declaração da guerra, 31 de julho de 1914, por Raoul Villain, um nacionalista fanático. Foi o principal líder da II Internacional a defender a paz. Quase todos os demais apoiaram a entrada dos seus países na guerra, a começar pelos dirigentes da poderosa Social-Democracia Alemã, que estava no poder. Com exceção de Vladimir Lênin, que defendeu a paz para derrubar a autocracia czarista.

Gandhi e King foram igualmente assassinados. É o caso também do líder que quase conseguiu a paz entre judeus e palestinos: Yitzhak Rabin. Outra vez, o algoz foi um ultranacionalista: o judeu Yigal Amir. Em 4 de novembro de 1995, com dois tiros certos, matou o homem e a ideia que defendia: israelenses e palestinos terem uma paz duradoura.

Dois anos antes, Rabin, então primeiro-ministro israelense, e Yasser Arafat, líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), apertaram as mãos e sorriram durante a assinatura dos Acordos de Oslo. Esse acordo despertou uma pequena luz no fim do túnel no conflito que os atingiu por décadas, também desencadeou uma onda de violência e ódio tanto entre a direita israelense quanto entre radicais do grupo islâmico Hamas.

Desde a Guerra dos Seis Dias, com seus vizinhos árabes, Egito, Síria e Jordânia, da qual foi vencedor, Israel ocupa as áreas da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, das Colinas Golá e a parte oriental da cidade de Jerusalém. Nunca houve uma paz verdadeira na região. Os palestinos vivem como párias. Em termos geopolíticos, porém, os Acordos de Oslo permanecem sendo a chave para a solução de dois Estados, Israel e a Palestina, com fronteiras reconhecidas internacionalmente.

Parece um sonho cada vez mais distante. Uma guerra total entre Israel e o Irã parece iminente. O homem que poderia impedi-la é o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Sua impotência diante do que está acontecendo no Oriente Médio não tem precedentes. Na Assembleia Geral da ONU, Benjamin Netanyahu ameaçou o Irã e anunciou a escalada das ações israelitas contra o Hezbollah no Líbano. Mostrou um mapa do que seria a “maldição” de uma guerra contra o Irã. No mapa, porém, Cisjordânia e Gaza aparecem como território israelense.

Poder nuclear

Diante de suas sucessivas recusas às propostas de paz dos Estados Unidos, Netanyahu mostra que a escalada no Líbano é parte de uma estratégia de guerra total contra seus adversários na região, principalmente o Irã. Biden é contingenciado pela sombra do verdadeiro aliado do primeiro-ministro israelense, o ex-presidente Donald Trump. O poder nuclear de Israel é um segredo de polichinelo.

Voltemos à I Guerra Mundial, que durou de 1914 a 1918. Foi uma tragédia para humanidade, pois viria a desaguar na II Guerra Mundial. Liberais e conservadores foram confrontados pelo fascismo e pelo nazismo, enquanto social-democratas e comunistas se digladiavam. Esse processo resultou de forças muito superiores à capacidade de um só homem: a fusão do capital financeiro com o capitalismo industrial, na virada para século 20, e a expansão territorial das potências europeias em direção à Ásia, à África e à Oceania.

O estopim da I Guerra foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, em 28 de janeiro de 1914, em Sarajevo, capital da Bósnia, por um militante da organização terrorista Mão Negra, de nacionalistas sérvios. As alianças de Áustria e Sérvia entraram em ação, o conflito envolveu todas as potências da época. Ao longo da guerra, o uso de novas armas, como o gás tóxico, e de invenções como o avião, aumentaram a tragédia.

Em 1989, Francis Fukuyama publicou o artigo “O Fim da História?”, na revista *The National Interest*, segundo o qual a dissolução da União Soviética e, conseqüentemente, o fim da Guerra Fria, eram a vitória do ideal da democracia ocidental sobre o mundo. O liberalismo e a democracia seriam os eixos de um “Estado homogêneo universal”. Essa tese está à prova faz tempo.

Ninguém sabe o desfecho da crise de Israel com o Irã. Netanyahu é audacioso, implacável e sagaz. Acuado internamente por causa de Gaza, viu no confronto com o Hezbollah, no Líbano, uma oportunidade de confrontar o Irã e arrastar os EUA para o conflito, com objetivo de consolidar a hegemonia política de Israel em todo o mundo árabe, pela força militar. Aliados do Irã, Rússia e Coreia do Norte pouco podem fazer. A China não se mete, só observa.

A *Marcha da Insensatez* (Editora José Olympio), da escritora Barbara W. Tuchman, mostra como decisões erradas dos governantes voltaram-se contra seus próprios interesses, da Guerra de Troia à do Vietnã. Diante da ideologia e dos interesses mais mesquinhos, como na I Guerra Mundial, a razão foi impotente. A paz perdeu.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Tabata e Boulos dão mais atenção à mulher

Nunes menciona esse público em ações genéricas. Marçal só conta com uma vice

» CAMILA CURADO
» IAGO MAC CORD*
» PEDRO JOSÉ*

As mulheres representam 57,47% do eleitorado brasileiro, proporção que praticamente se mantém no estado de São Paulo (53%) e na capital (52,4%), que vive a mais acirrada disputa dos últimos anos — com três candidatos empatados, pela margem de erro das pesquisas, nas primeiras colocações. Porém, quando o tema se relaciona às políticas voltadas para elas, a preocupação em obter o voto da eleitora se restringe a apenas dois candidatos — Tabata Amaral (PSB) e Guilherme Boulos (PSol). Pablo Marçal (PRTB) e Ricardo Nunes (MDB) ou passam ao longe de apresentar propostas ou as diluem por vários dos programas que pretendem implantar.

O programa da campanha do influenciador é o que menos dedica espaço às propostas voltadas para elas. Apesar de ter uma vice na chapa — a policial militar Antônia de Jesus — e de ter anunciado, ontem, duas mulheres para o secretariado, na única proposta para as cidadãs ele promete: “Investiremos em exames preventivos, no atendimento pré-natal e em políticas para prevenir a gravidez precoce, HPV, rastreamento de câncer de mama e do colo de útero e promoveremos atendimento especializado para vítimas de violência doméstica, conjuntamente com acompanhamento

Reprodução/SBT



Influenciador tentou apelidar adversária e acusou-a de acabar com um noivado para ficar com o atual namorado

psicológico e políticas públicas de conscientização”. Porém, não está esmiuçado como isso será feito nem há detalhes sobre o volume de investimentos.

A trajetória de Marçal na atual corrida eleitoral também é marcada por conflitos com a única adversária na disputa — Tabata Amaral. Além de tê-la acusado de ser responsável pela morte do pai (mentira que a candidata classificou como “nojenta”) e de tentar apelidá-la de “Chatabata”, no debate de segunda-feira, promovido pelo Uol e pela *Folha de S.Paulo*, o influenciador avançou contra a candidata. Disse que “mulher

inteligente não vota em mulher” e chamou-a de “talarica” — gíria que significa quando uma pessoa age para acabar com o relacionamento amoroso de outra. No caso, Marçal a acusou de ser o pivô do fim noivado do atual namorado de Tabata, o prefeito de Recife João Campos. A rejeição de Marçal junto ao público feminino está na ordem de 53%.

No caso de Nunes, não há propostas específicas para as mulheres — aparecem diluídas em programas voltados para saúde; assistência social, direitos humanos e cidadania; pessoas com deficiência; segurança e ordem pública; desenvolvimento

econômico, trabalho e empreendedorismo; gestão urbana; gestão e modernização institucional.

Boulos, por sua vez, tem uma seção dedicada às mulheres no programa de governo, com cinco propostas. São também mencionadas no tópico “segurança urbana”.

Tabata, por sua vez, foi quem mais pensou nelas no plano de governo: tem uma seção dedicada às mulheres, com 10 propostas. As mulheres também aparecem contempladas em outros tópicos como saúde; saúde mental; gestão eficiente e desburocratização; trabalho, renda e inclusão produtiva (duas vezes).

Voto útil no Rio irrita PSol

A subida de Alexandre Rangel (PL) na corrida pela Prefeitura do Rio e Janeiro — segundo a mais recente pesquisa Quaest, o candidato do ex-presidente Jair Bolsonaro está com 20% das intenções de voto — acendeu a luz amarela na campanha de Eduardo Paes (PSD) — ainda folgado na liderança, com 53%. Porém, preocupados com a hipótese de haver um segundo turno na capital fluminense, lideranças de esquerda estão agindo para desidratar a campanha de Tarcísio Mota (PSol), que tem apenas 6%. E isso causou imenso mal-estar entre os aliados ideológicos.

Nomes como o presidente da Embratur, Marcelo Freixo, e as deputadas Jandira Feghali (PCdoB) e Benedita da Silva (PT), têm proposto abertamente o voto útil em Paes. A eles se juntou um dos cardeais do PT no Rio de Janeiro, o deputado federal Washington Quaquá, que também passou a fazer campanha pela reeleição do atual prefeito.

Tarcísio sentiu o golpe do abandono pelos aliados. Em vídeo postado nas redes sociais, em 1º de outubro, definiu este movimento como “ataques coordenados” contra sua campanha. “Paes achou que venceria sem fazer campanha e, agora, está apelando para um absurdo voto útil da esquerda no primeiro turno, mas sem assumir nenhum compromisso com o eleitorado progressista”, acusa.

Ao contrário de São Paulo, onde Guilherme Boulos se lançou amparado pelo Palácio do Planalto e pelo PT nacional, no Rio de Janeiro Tarcísio entrou na corrida eleitoral à revelia das correntes de esquerda. Desde o começo, o candidato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva era o atual prefeito, tanto que fez várias agendas ao lado dele para turbinar a candidatura na capital que é o berço político do clã Bolsonaro. Tarcísio, por sua vez, não abriu mão da disputa e considera que a gestão de Paes não contempla nenhuma proposta do chamado “campo progressista”.

*Estagiários sob a supervisão de Faio Grecchi

VOTAÇÃO ENCERRADA

CONFIRA EM BREVE NOSSOS VENCEDORES

PRÊMIO
CORREIO BRAZILIENSE
CASACOR / BRASÍLIA
EDIÇÃO 2024

A votação chegou ao fim! Em breve, serão anunciados os vencedores das categorias do Prêmio Correio Braziliense CASACOR / Brasília 2024. Agradecemos imensamente a todos que participaram e ajudaram a escolher os melhores projetos de decoração, design e paisagismo de Brasília. Fiquem atentos para descobrir quem levará os prêmios nas categorias Sala dos Sonhos, Quarto dos Sonhos, Banheiro dos Sonhos e Cozinha dos Sonhos.



ESCANEE O QR CODE
PARA ACESSAR NOSSO SITE

Realização

CORREIO BRAZILIENSE
www.CORREIO BRAZILIENSE.com.br

CASACOR / BRASÍLIA